



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO AMAZÔNICO DE AGRICULTURAS FAMILIARES – INEAF
FACULDADE DE DESENVOLVIMENTO RURAL – FACDES
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

ÂNGELO CRISÓSTOMO TAVARES VIEIRA JÚNIOR

**O Perfil Profissional do Formado no Bacharelado em Desenvolvimento
Rural na Universidade Federal do Pará (UFPA)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
INSTITUTO AMAZÔNICO DE AGRICULTURAS FAMILIARES – INEAF
FACULDADE DE DESENVOLVIMENTO RURAL – FACDES
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL

O Perfil Profissional do Formado no Bacharelado em Desenvolvimento Rural na
Universidade Federal do Pará (UFPA)

ÂNGELO CRISÓSTOMO TAVARES VIEIRA JÚNIOR

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Desenvolvimento Rural pela
Universidade Federal do Pará.

Orientador: Dr. Bruno Spacek Godoy

Belém-Pará
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

T231p Tavares, Ângelo Crisóstomo Tavares Vieira Júnior.
O Perfil Profissional do Formado no Bacharelado em
Desenvolvimento Rural na Universidade Federal do Pará
(UFPA) / Ângelo Crisóstomo Tavares Vieira Júnior Tavares.
— 2025.
29 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Bruno Spacek Godoy Spacek
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Instituto Amazônico de Agriculturas
Famíliares, Faculdade de Desenvolvimento Rural, Belém,
2025.

1. Desenvolvimento Rural. 2. Amazônia. 3.
Egressos. 4. Educação Continuada. 5. Mercado de
Trabalho. I. Título.

CDD 378

ÂNGELO CRISÓSTOMO TAVARES VIEIRA JÚNIOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Desenvolvimento Rural
pela Universidade Federal do Pará.

Aprovado em: 04/09/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO SPACEK GODOY**
Data: 18/09/2025 13:47:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Bruno Spacek Godoy
Universidade Federal do Pará
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **THOMAS LUDEWIGS**
Data: 23/09/2025 18:03:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Thomas Ludewigs
Universidade Federal do Pará
Membro da banca

Documento assinado digitalmente
 **PHILIPPE JEAN LOUIS SABLAYROLLES**
Data: 24/09/2025 17:12:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Philippe Jean Louis Sablayrolles
Universidade Federal do Pará
Membro da banca

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar estes agradecimentos expressando meu eterno amor e gratidão à minha mãe, que partiu no final de 2024 e não pôde estar presente para testemunhar a conclusão desta caminhada. A ela dedico este trabalho, pois foi e sempre será minha maior inspiração e força. Sempre acreditou em mim, apoiando cada decisão: desde o momento em que saí de casa para morar em Belém, em busca de melhores condições para nós dois, até quando decidi deixar minha primeira graduação para ingressar no curso de Desenvolvimento Rural. Com coração generoso e fé inabalável, ela nunca mediu esforços para que eu pudesse conquistar meus sonhos.

Te amo eternamente, **Josinele Cursino da Costa**.

Agradeço também à minha prima e parceira de jornada, Rita Maufa, com quem, por coincidência e destino, compartilhei não apenas o mesmo curso, mas a mesma turma. Foi minha parceira de campo e de vida acadêmica, caminhando comigo até o fim desta trajetória. Estendo minha gratidão à minha amiga Tainá Vieira, que se tornou parte essencial dessa caminhada. Juntos, nós três aprendemos a apoiar uns aos outros, a segurar as mãos quando um caía e a nos erguer mutuamente diante das dificuldades. A amizade, a parceria e o incentivo de vocês foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Às minhas amigas Andreza Becker, Vitória Soares e Rhaynna Alves, que são mais do que amigas: são minha família. Estiveram comigo em todos os momentos da minha vida, partilhando sorrisos e lágrimas, sempre me incentivando e apoiando. Vitória, que me viu crescer e acompanhou desde o início minha trajetória acadêmica e profissional, foi presença constante em cada etapa desta caminhada. Rhaynna, que desde os primeiros dias da nossa amizade me acompanha e me incentiva diariamente em todos os âmbitos da minha vida, mostrou-me, com sua amizade e companheirismo, a importância de ter ao lado pessoas que acreditam nos nossos sonhos. A minha amiga Andreza, que tem me acompanhado e me ouvido diariamente nesses últimos anos, sempre me deu forças e apoio para continuar. Sou imensamente grato a vocês três por todo poio, força e cumplicidade.

Agradeço ao meu amigo e irmão Wagner Luís, que esteve presente em cada passo da minha evolução. Juntos vimos o desenrolar de nossas histórias nessa caminhada em busca de novas oportunidades. Mesmo distante, se fez presente e continua fazendo parte da minha vida. Coincidentemente, nascemos no mesmo mês e ano, diferenciando apenas quatro dias um do outro, como se a vida tivesse nos unido desde sempre. Sou grato pela sua presença em minha vida e por estar comigo nos momentos bons e ruins, fortalecendo uma irmandade que vai além do sangue.

Agradeço à Lia Mara Viana Lopes, que fez parte de um momento muito importante da minha vida. Sou grato por todo o apoio, pela amizade sincera e pelo companheirismo ao longo da minha trajetória acadêmica e pessoal. Mesmo com os caminhos diferentes que seguimos, nunca deixamos de torcer um pelo outro, e levo comigo com muito carinho tudo o que vivemos. Obrigado por tudo.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Bruno Godoy, pela paciência, dedicação e compromisso em me apoiar na realização deste trabalho, compartilhando seus conhecimentos e contribuindo de forma essencial para a sua conclusão deste trabalho.

Estendo também meus agradecimentos a todos que fizeram parte dessa caminhada: aos amigos, pelo apoio constante, e às famílias que me acolheram durante as vivências de campo, pela hospitalidade e pela valiosa troca de saberes. Muito obrigado por gesto de incentivo e colaboração ao longo dessa trajetória.

Sumário

	RESUMO.....	9
1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	OBJETIVO GERAL	12
	2.1 Objetivos Específicos	13
3.	MÉTODOS	13
	3.1 Amostragem e Instrumento de Coleta	13
	3.2 Análise de Dados.....	14
	3.3 Aspectos Éticos	14
4.	RESULTADOS	15
	4.1 Perfil sociodemográfico	15
	4.2 Trajetória acadêmica	15
	4.3 Inserção profissional.....	16
	4.4 Percepções sobre a formação.....	16
	4.5 Análises cruzadas.....	16
5.	DISCUSSÃO	17
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
	REFERÊNCIAS.....	21
	APÊNDICE 1 – PERGUNTAS REALIZADAS NO GOOGLE FORMS	23

RESUMO

Na Amazônia, a formação em Ciências Agrárias apresenta fragilidades quanto ao alinhamento curricular e à inserção profissional, problemáticas ainda atuais no caso do Bacharelado em Desenvolvimento Rural (BDR) da UFPA. Com base neste questionamento, esta pesquisa analisou, por meio de abordagem quantitativa e exploratória, o perfil dos primeiros egressos do curso e sua inserção no mercado de trabalho (turmas de 2018 e 2019), contemplando dimensões sociodemográficas, acadêmicas e profissionais. A amostra, composta por 22 respondentes (71% do universo), evidenciou predomínio feminino, renda pessoal concentrada em até três salários-mínimos, forte adesão à formação superior (45,4% em programas de mestrado) e baixa taxa de inserção direta na área de formação (27,2%). As percepções dos egressos apontam dificuldades de reconhecimento social e institucional da função “Agente de Desenvolvimento Rural”, confirmando o descompasso entre currículo e mercado. Ainda assim, destacam o potencial transformador do curso, sobretudo por sua capacidade de integrar saberes técnicos e populares na construção de alternativas para o desenvolvimento amazônico. Os resultados reforçam a necessidade de consolidar a identidade profissional do Bacharel em Desenvolvimento Rural e de ampliar sua valorização no território, condição essencial para a efetividade social e acadêmica da formação.

Palavras-chave: Desenvolvimento Rural. Amazônia. Egressos. Educação Continuada. Mercado de Trabalho.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão do perfil dos egressos é peça-chave para avaliar não apenas a qualidade da formação, mas também a capacidade dos cursos de dialogarem com as demandas concretas da sociedade. Estudos como o de Santana et al. (2003) sobre os profissionais formados em Ciências Agrárias na Amazônia constituem um marco na análise da relação entre formação acadêmica e inserção no mercado de trabalho. Embora desenvolvido há mais de duas décadas, esse estudo permanece atual: as dificuldades de inserção e o fechamento do mercado diante de novos currículos ainda se apresentam como entraves significativos para a consolidação de formações inovadoras. O autor já demonstrava que, apesar da consistência técnica, persistiam fragilidades quanto à prática interdisciplinar, ao alinhamento curricular e à empregabilidade dos egressos em contextos regionais específicos. Tais constatações continuam no presente, revelando que os desafios identificados no início dos anos 2000 não foram plenamente superados. Esse referencial teórico fundamenta a presente pesquisa, pois evidencia a importância de compreender o perfil e a trajetória profissional dos formados para avaliar o impacto dos cursos e o fortalecimento de sua identidade.

O conceito de desenvolvimento rural, especialmente no Brasil e no contexto amazônico, passou por profundas transformações nas últimas décadas. Antes restrito a uma visão produtivista, centrada no aumento da produção agrícola, passou a ser concebido como um processo multifacetado, que integra dimensões sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas (Veiga, 2001; Albaladejo et al., 2007; Oliveira, 2007). Nesse cenário, o meio rural deve ser entendido como um espaço dinâmico, no qual coexistem diferentes modos de vida, formas de produção e relações territoriais que extrapolam a lógica puramente econômica.

Conforme Albaladejo, Simões, Veiga e Baré (2005, p. 307), as mudanças nas políticas públicas e os desafios enfrentados pela agricultura familiar demandaram a construção de novas competências e “novas identidades profissionais por parte dos atores do desenvolvimento rural”. Essa perspectiva amplia o papel do profissional da área, que deve atuar de forma interdisciplinar e com visão sistêmica, articulando saberes técnicos com os conhecimentos e

práticas locais, a fim de promover transformações socioeconômicas sustentáveis.

Na Amazônia, essa concepção ganha complexidade adicional. O território é marcado por desafios geopolíticos, socioambientais e culturais que influenciam diretamente a atuação profissional (Mendes, 2020; Ricardo, 2012). A presença de povos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhos e agricultores familiares demanda sensibilidade cultural e capacidade de mediação entre diferentes lógicas de organização social e de uso dos recursos naturais. A geopolítica da região, associada à disputa por terras, recursos e projetos de infraestrutura, exige que o profissional compreenda não apenas a dimensão técnica do desenvolvimento, mas também os conflitos e tensões que moldam as dinâmicas territoriais (Oliveira, 2018).

Nesse contexto, a formação de profissionais de Desenvolvimento Rural precisa contemplar competências que superem a visão estritamente agrônoma. Santana et al. (2003) destacam a importância de preparar profissionais aptos a atuar na formulação e execução de políticas públicas, na extensão rural, no assessoramento técnico e na mediação de conflitos fundiários. Para Silva e Rocha (2015), o desenvolvimento rural sustentável exige mediadores territoriais capazes de integrar saberes científicos e tradicionais, fortalecendo a autonomia das comunidades locais e preservando sua identidade cultural.

O Bacharelado em Desenvolvimento Rural (BDR), implantado em 2018 na Universidade Federal do Pará, é fruto da necessidade de alinhar a formação acadêmica às especificidades regionais da Amazônia. Trata-se do único curso de BDR existente na Região Norte do país e de uma das quatro experiências em funcionamento no Brasil, o que evidencia sua singularidade e relevância no cenário nacional. De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (UFPA, 2021), os profissionais egressos devem apresentar perfil multidisciplinar e capacidade de atuar como mediadores, assessores, gestores ou prestadores de assistência técnica e social junto a agricultores familiares, povos indígenas e comunidades tradicionais da Amazônia. Além disso, o PPC estabelece competências essenciais como problematizar o contexto rural de forma ética, compreender criticamente a produção e reprodução das famílias rurais e mobilizar diferentes

campos do conhecimento para propor soluções fundamentadas em um enfoque sistêmico.

Entretanto, conforme apontam Paixão e Sablayrolles (2023), mesmo com um currículo inovador, ainda persistem desafios relacionados à identidade profissional do egresso. A indefinição sobre o papel exato desses bacharéis no mercado de trabalho pode dificultar sua inserção e reconhecimento. Essa lacuna reforça a importância de pesquisas que analisem o perfil, a inserção profissional e a percepção dos egressos, contribuindo para o aprimoramento da formação e para o fortalecimento do desenvolvimento rural sustentável na Amazônia.

O curso surgiu no âmbito do projeto de interiorização da UFPA, inspirado no conceito de “Universidade Rede”, com a missão de formar profissionais aptos a compreender e intervir nos desafios e potencialidades dos territórios amazônicos. No caso do estado do Pará, inserido no bioma Amazônia, essa formação é ainda mais necessária diante da expressiva população rural, da dependência do setor agrícola, especialmente da agricultura familiar, da diversidade cultural e das dificuldades logísticas que caracterizam a região (Schneider, 2003; Santana, 2003; Becker, 2005; Veiga, 2002).

Dessa forma, torna-se relevante investigar a trajetória dos primeiros egressos do BDR da UFPA, pois é a partir de suas experiências que se pode compreender como o mercado de trabalho tem se posicionado diante da inserção desse novo profissional. O olhar do egresso permite avaliar, de maneira concreta, em que medida a formação recebida dialoga com as demandas do território amazônico, quais obstáculos se apresentam na legitimação de sua identidade profissional e como se configuram as oportunidades e limitações para a consolidação desse campo de atuação.

2. OBJETIVO GERAL

Analisar, a partir da visão dos primeiros egressos do curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural da UFPA (turmas de 2018 e 2019), o perfil sociodemográfico, acadêmico e profissional, bem como sua inserção no mercado de trabalho e percepções sobre a formação recebida, por meio de abordagem quantitativa exploratória, sem aplicação de testes estatísticos inferenciais.

2.1 Objetivos Específicos

- Caracterizar o perfil sociodemográfico e acadêmico dos egressos das turmas de 2018 e 2019 do curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural.
- Investigar a inserção e a atuação profissional desses egressos no mercado de trabalho, identificando desafios e oportunidades no contexto amazônico.
- Examinar as percepções dos egressos acerca da relevância da formação recebida para sua atuação profissional e para o desenvolvimento de competências.

3. MÉTODOS

Esta pesquisa se caracteriza por uma abordagem quantitativa, de caráter descritivo e exploratório. O objetivo central foi analisar o perfil sociodemográfico, acadêmico e profissional dos egressos do curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural (BDR) da Universidade Federal do Pará (UFPA), com foco nas turmas de 2018 e 2019, bem como compreender sua inserção no mercado de trabalho e a percepção sobre a formação recebida. Diferentemente de estudos que aplicam métodos estatísticos inferenciais, este trabalho priorizou análises exploratórias e descritivas, com ênfase na identificação de padrões e tendências a partir da visão dos primeiros egressos do curso.

3.1 Amostragem e Instrumento de Coleta

O universo da pesquisa foi constituído por 31 formandos das turmas de 2018 e 2019. Desses, 28 já haviam colado grau no momento da coleta e 3 ainda não haviam concluído formalmente. O contato foi realizado de forma individualizada, por e-mail institucional e redes sociais (WhatsApp), buscando alcançar a totalidade do público-alvo. Ao final, 22 egressos responderam integralmente ao formulário, representando 71% da amostra e constituindo a efetiva utilizada nas análises.

O instrumento de coleta consistiu em um formulário estruturado elaborado na plataforma Google Forms, com 42 questões de múltipla escolha e discursivas (Apêndice 1). A construção do questionário foi inspirada em trabalhos anteriores

que analisaram o perfil e a trajetória de egressos na Amazônia, notadamente o estudo de Santana (2003) sobre os graduados da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e o TCC desenvolvido no curso de Fisioterapia da Universidade do Estado do Pará (UEPA, 2005). Ambos os estudos serviram de referência por integrarem dimensões acadêmicas, profissionais e socioeconômicas, permitindo a adaptação de um instrumento capaz de captar as especificidades do BDR.

O questionário foi estruturado em quatro blocos temáticos:

- Perfil sociodemográfico;
- Trajetória acadêmica;
- Inserção profissional; e
- Percepção sobre a formação recebida.

Essa organização buscou articular dados quantitativos com percepções qualitativas, proporcionando uma leitura mais ampla do percurso acadêmico-profissional dos egressos.

3.2 Análise de Dados

As respostas foram inicialmente organizadas em planilhas no Microsoft Excel e, posteriormente, processadas com auxílio da linguagem Python (versão 3.11) e das bibliotecas pandas, matplotlib, seaborn e numpy. O uso dessas ferramentas teve caráter exclusivamente operacional e exploratório, permitindo a construção de gráficos, tabelas e análises descritivas. Foram calculadas frequências absolutas e relativas, médias e proporções, apresentadas em representações visuais como gráficos de barras, setores e diagramas comparativos.

Ressalta-se que, embora tenham sido utilizadas ferramentas computacionais avançadas, a pesquisa não aplicou testes de significância estatística, preservando seu caráter descritivo e exploratório.

3.3 Aspectos Éticos

A pesquisa seguiu os princípios estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispensa a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em estudos das Ciências Humanas e Sociais que utilizam

questionários anônimos e não envolvem identificação direta dos participantes. Assim, a participação foi voluntária, sem riscos aos respondentes, garantindo o uso exclusivo acadêmico dos dados.

4. RESULTADOS

A pesquisa contou com a participação de 22 egressos do curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural (BDR) da UFPA, pertencentes às turmas de 2018 e 2019. Os resultados estão apresentados a seguir, organizados em quatro eixos: perfil sociodemográfico, trajetória acadêmica, inserção profissional e percepções sobre a formação.

Os depoimentos dos egressos reforçam esse diagnóstico: muitos relatam “não estar trabalhando na área por desconhecimento do curso”, “dificuldade em processos seletivos pela falta de reconhecimento institucional” e a sensação de que “a própria graduação, como está posta, se torna o principal obstáculo”. Outros, contudo, reconhecem o potencial da formação, destacando que “o curso oferece uma visão holística do desenvolvimento amazônico” e que “há necessidade urgente de maior divulgação do perfil profissional junto ao mercado e às instituições públicas”.

4.1 Perfil sociodemográfico

Entre os respondentes, 13 (59,1%) eram mulheres e 9 (40,9%) homens. A idade média foi de 30 anos, variando entre 23 e 34 anos. Quanto ao estado civil, 17 (77,3%) declararam-se solteiros e 5 (22,7%) casados ou em união estável.

Em relação à renda pessoal, 3 (13,6%) afirmaram receber 1 salário-mínimo, 12 (54,5%) declararam receber mais de 1 até 3 salários-mínimos, 3 (13,6%) situaram-se entre 4 e 6 salários-mínimos, e 1 (4,5%) declarou não possuir renda. Já a renda familiar mostrou padrão semelhante: 15 (68,1%) indicaram renda de até 3 salários-mínimos e 7 (31,9%) relataram rendimento acima desse patamar.

4.2 Trajetória acadêmica

No que diz respeito à continuidade dos estudos, 10 egressos (45,4%) ingressaram em programas de mestrado, 4 (18,1%) realizaram cursos de formação complementar, 1 (4,5%) buscou aprimoramento, enquanto 7 (31,8%) não deram prosseguimento à educação formal.

Durante a graduação, a maioria participou de estágios extracurriculares e de atividades de pesquisa e extensão, indicando a relevância das vivências práticas na formação.

4.3 Inserção profissional

Dos 22 egressos, 12 declararam estar trabalhando e 10 afirmaram não exercer atividade profissional no momento. Entre os que estão inseridos no mercado, apenas 6 (27,2%) atuam diretamente em áreas ligadas ao Desenvolvimento Rural, como pesquisa e extensão, assessoria técnica, projetos comunitários e regularização fundiária. Todos esses também cursam mestrado, indicando uma possível relação entre a continuidade da formação acadêmica e a inserção profissional na área específica do curso. Os demais 6 trabalhadores desenvolvem atividades em setores administrativos, comerciais ou técnicos não diretamente vinculados ao Desenvolvimento Rural, o que evidencia a dispersão da empregabilidade do egresso para além do campo de formação.

4.4 Percepções sobre a formação

Quanto ao preparo para o mercado de trabalho, 12 (54,5%) declararam-se preparados e 10 (45,4%) parcialmente preparados. Nenhum egresso afirmou não se sentir preparado.

Sobre a valorização profissional, 13 (59,1%) consideram que não há reconhecimento no mercado para o bacharel em Desenvolvimento Rural, enquanto 9 (40,9%) percebem valorização apenas em alguns setores.

4.5 Análises cruzadas

As análises cruzadas revelaram três padrões principais:

1. **Formação Superior e atuação na área:** egressos que realizaram mestrado, especialização ou cursos complementares apresentaram maior probabilidade de trabalhar em funções relacionadas ao Desenvolvimento Rural.
2. **Percepção de preparo e renda:** aqueles que se declararam parcialmente preparados concentram-se nas faixas de menor renda e, em sua maioria, não atuam na área de formação.

3. **Dificuldade de emprego:** o desafio de inserção foi apontado tanto por quem atua na área quanto por quem migrou para outros setores, indicando que o obstáculo é generalizado.

5. DISCUSSÃO

O predomínio feminino entre os egressos (59,1%) confirma a tendência de feminização do ensino superior no Brasil, também observada em áreas ligadas às ciências sociais aplicadas e extensão rural (Silva; Rocha, 2015). Contudo, como destacam Menezes, Santos e Freire (2019), a maior presença de mulheres não significa superação das desigualdades. Algumas entrevistadas relataram dificuldades no mercado, afirmando que, segundo a Entrevistada 7, “sempre existia uma indicação que ficava na minha frente”, ou ainda, como destacou a Entrevistada 11, “as instituições dão preferência a profissionais de áreas conhecidas como ciências sociais, geografia ou agronomia”. Isso evidencia que o gênero e a pouca difusão social do curso se somam como barreiras à equidade.

Outro ponto relevante foi a forte adesão à educação continuada, com 45,4% dos egressos em programas de mestrado. Esse dado reflete tanto a busca por maior qualificação quanto a dificuldade de inserção imediata no mercado de trabalho. Como destacou a Entrevistada 18, “nosso curso é relativamente novo, tem onde atuar, mas não é reconhecido”.

Albaladejo et al. (2007) já observavam que a qualificação formal, embora necessária, não garante empregabilidade quando não existem condições estruturais de absorção profissional. Esse cenário também pode estar relacionado ao perfil do corpo docente do INEAF, formado em sua maioria por professores que priorizaram a carreira acadêmica. Essa característica fortalece a pesquisa e a produção científica, mas pode influenciar os estudantes a seguir o mesmo caminho, reforçando a centralidade da pós-graduação como estratégia de inserção.

A fala da Entrevistada 9 reforça essa perspectiva ao afirmar que “até o momento não consegui na área, o curso não tem um órgão regulador para termos um registro e isso é problema”. Nesse caso, é importante ressaltar que a

ausência de um órgão de classe específico não é uma limitação do curso, mas sim uma condição da própria profissão, ainda em processo de consolidação e reconhecimento social.

A baixa taxa de inserção direta na área (27,2%) dialoga com os alertas de Santana et al. (2003) sobre o descompasso entre currículo e mercado amazônico. Esse dado reforça que a dificuldade de inserção profissional não se limita ao Bacharelado em Desenvolvimento Rural, mas acompanha também outras formações em Ciências Agrárias na região. Embora o problema se manifeste de forma menos crítica em alguns cursos consolidados, a situação evidencia um padrão mais amplo de fragilidade na absorção profissional, o que reforça a importância de pensar estratégias que aproximem formação acadêmica e demandas reais dos territórios amazônicos.

Para muitos entrevistados, a principal barreira está no desconhecimento social da profissão: segundo a Entrevistada 3, “o mercado de trabalho onde o bacharel não está nas vertentes do mercado, por pouco conhecimento da formação”; ou ainda, como pontuou a Entrevistada 15, “a falta de difusão do curso é um problema real e o nome Desenvolvimento Rural talvez seja um dos principais entraves”. Isso se conecta à crítica de Brandão e Bahry (2005), que ressaltam a importância da clareza no posicionamento profissional.

As falas dos egressos revelam que, apesar do reconhecimento das competências adquiridas como mediação de conflitos, elaboração de projetos e atuação comunitária, a ausência de um espaço institucional claro no mercado limita as oportunidades. O Entrevistado 15 sintetizou esse dilema: “não é problema de competência, mas da forma como o curso é percebido socialmente. O mercado valoriza profissões clássicas e ignora formações novas ou menos tradicionais”. Essa percepção reforça a necessidade de estratégias institucionais de divulgação e de maior articulação com políticas públicas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou o perfil dos primeiros egressos do Bacharelado em Desenvolvimento Rural (BDR/UFPa), turmas de 2018 e 2019, evidenciando como a formação recebida se articula (ou não) com a inserção profissional no contexto amazônico. Os resultados mostraram avanços importantes, como a

forte adesão à formação superior e a valorização das experiências práticas ao longo da graduação. No entanto, também revelaram limites significativos, sobretudo na baixa clareza da identidade profissional, na frágil valorização do Agente de Desenvolvimento Rural no mercado e na persistência de desigualdades de gênero.

As percepções dos egressos reforçam tanto as potencialidades quanto as fragilidades do curso. Muitos o recomendariam pela relevância social e pela possibilidade de diálogo com comunidades amazônicas, mas também apontam obstáculos concretos, como o desconhecimento social do curso, a dificuldade em processos seletivos e a ausência de políticas de empregabilidade direcionadas. Como consequência, a inserção profissional ocorre de forma dispersa, muitas vezes fora da área específica da formação.

Esses achados convergem com análises de Santana et al. (2003) e de Paixão e Sablayrolles (2023), que já apontavam o descompasso entre currículo e demandas regionais, mas também reafirmam a relevância estratégica do curso para a formação de mediadores territoriais, capazes de articular saberes técnicos e populares (Albaladejo et al., 2007).

Nesse sentido, propõem-se como caminhos: (i) a revisão do Projeto Pedagógico do Curso, com maior ênfase em conteúdos aplicados e técnicos que dialoguem com as demandas regionais; (ii) o fortalecimento de parcerias institucionais com órgãos públicos, cooperativas e organizações sociais, visando ampliar oportunidades de estágio e inserção profissional; e (iii) a adoção de estratégias de divulgação e valorização da identidade profissional do egresso, favorecendo maior aproximação entre universidade, sociedade e mercado de trabalho.

Cabe destacar que parte dessas mudanças já vem sendo contemplada na proposta de revisão do PPC atualmente em andamento, a qual discute tanto a inclusão de conteúdos mais aplicados quanto o fortalecimento das parcerias institucionais. No entanto, a introdução de conteúdos mais técnicos deve ser analisada com cautela, uma vez que diferentes instituições apresentam expectativas diversas. Enquanto empresas privadas e alguns órgãos públicos demandam competências técnicas voltadas à prestação de serviços de

assistência técnica e extensão rural, outras organizações, como ONGs, podem valorizar mais fortemente habilidades comunicativas e de articulação social. Esse desafio se intensifica diante do perfil do corpo docente do BDR, composto majoritariamente por professores que priorizaram a carreira acadêmica, o que dificulta a consolidação de práticas mais voltadas ao mercado.

Outro aspecto relevante é a iniciativa de discentes da turma de 2019, que criaram a Comissão de Assuntos Profissionais, atualmente em processo de reestruturação. Essa comissão, composta por estudantes e docentes, tem como objetivo promover o reconhecimento do curso por meio de ações como a solicitação de inclusão de bacharéis em Desenvolvimento Rural em editais de concursos públicos, a realização de eventos de divulgação e a promoção de debates sobre o tema, como ocorreu no primeiro SIAAM. Esse tipo de mobilização reforça que o fortalecimento da identidade profissional do BDR depende tanto de esforços institucionais quanto do protagonismo dos próprios sujeitos envolvidos no curso.

Conclui-se que o BDR da UFPA, ao reafirmar o lema “formar transformando e para transformar”, tem diante de si o desafio de transformar o reconhecimento acadêmico em efetiva valorização profissional. Os egressos, com suas vozes e trajetórias, deixam claro que a construção de pontes entre formação, mercado e território exige o engajamento de toda a comunidade acadêmica. No entendimento da Comissão de Assuntos Profissionais do INEAF, atualmente em processo de reestruturação, essa responsabilidade deve ser compartilhada entre docentes, discentes e egressos. No entanto, reconhece-se que a universidade tem papel central nesse processo, pois sua atuação institucional é decisiva para dar legitimidade e visibilidade às iniciativas já em curso.

REFERÊNCIAS

- ALBALADEJO, C.; SIMÕES, A.; VEIGA, J. E.; BARÉ, J. F. Novas competências para os atores do desenvolvimento rural na Amazônia. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 307-330, 2005.
- BRANDÃO, H. P.; BAHRY, C. P. Gestão por competências: métodos e técnicas para mapeamento de competências. *Revista do Serviço Público*, Brasília, v. 56, n. 2, p. 179-194, 2005.
- BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 maio 2016.
- MENDES, R. A. *Amazônia no século 21: novas relações de poder e território*. São Paulo: Annablume, 2020.
- OLIVEIRA, A. U. *A geopolítica da Amazônia: terra, poder e conflitos*. São Paulo: Contexto, 2018.
- MENEZES, M. Z. B.; SANTOS, S. N. P.; FREIRE, V. C. C. *A feminilização do ensino superior e a busca pela equidade de gêneros no Brasil*. s.l.: s.n., 2019. (Trabalho acadêmico).
- PAIXÃO, A. R. C.; SABLAYROLLES, P. J. L. O agente de desenvolvimento rural no mercado de trabalho na Amazônia Oriental. *Revista Agricultura Familiar*, v. 17, n. 2, p. 92-113, 2023.
- RICARDO, F. *Terras indígenas e unidades de conservação: o desafio das sobreposições*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2012.
- ROCHA, André Carlos de Oliveira; DIAS, Ápio Ricardo Nazareth. *Perfil do egresso do curso de Fisioterapia da UEPA no período de 1996 a 2004*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fisioterapia) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2005. 60 f.
- SANTANA, A. C.; OLIVEIRA, M. A. S.; ALMEIDA, A. N. *Perfil do profissional de ciências agrárias formado na Universidade Federal Rural da Amazônia: empregadores, graduados e instituições correlatas*. Belém: UFRA, 2003.

SILVA, M. T.; ROCHA, A. R. Gênero e acesso ao ensino superior: permanências e desigualdades. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 56, p. 45-63, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural. Belém: FACDES, 2021.

VEIGA, J. E. Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

APÊNDICE 1 – PERGUNTAS REALIZADAS NO GOOGLE FORMS

1. NOME:

2. ANO DO EGRESSO.

TURMA QUAL FAZIA PARTE.

2018

2019

3. IDADE

4. SEXO

MASCULINO

FEMININO

5. ESTADO CIVIL

SOLTEIRO (A)

UNIÃO ESTÁVEL

CASADO

6. TEMPO QUE LEVOU PARA CONCLUIR O CURSO

04 ANOS E MEIO

05 ANOS

06 ANOS

OUTRO:

7. ATUA NA ÁREA DE AGENTE DE DESENVOLVIMENTO RURAL?

SIM

NÃO

8. RENDA PESSOAL MENSAL

ATÉ 03 SALÁRIOS

04 A 06

07 A 09

OUTRO:

9. RENDA MENSAL FAMILIAR

ATÉ 03 SALÁRIOS

04 A 06

07 A 09

OUTRO:

10. FEZ ESTÁGIO EXTRACURRICULAR DURANTE O CURSO?

NÃO FEZ

FEZ EM UMA INSTITUIÇÃO CONVENIADA COM A UFPA, REMUNERADO

FEZ EM UMA INSTITUIÇÃO CONVENIADA COM A UFPA, NÃO
REMUNERADO

11. REALIZOU PESQUISA, EXTENSÃO OU MONITORIA?

PESQUISA

EXTENSÃO

MONITORIA

NÃO REALIZOU

12. POR QUAL ATIVIDADE RECEBEU BOLSA?

PESQUISA

EXTENSÃO

MONITORIA

13. QUANTO A SUA EDUCAÇÃO CONTINUADA, POSSUI:

CURSO DE FORMAÇÃO

APRIMORAMENTO

ESPECIALIZAÇÃO

MESTRADO

NÃO POSSUI EDUCAÇÃO CONTINUADA

14. RAZÃO POR NÃO TER FEITO EDUCAÇÃO CONTINUADA

ESTÁ CURSANDO ESPECIALIZAÇÃO

ESTÁ CURSANDO MESTRADO

FALTA DE TEMPO

NÃO ATUA NA ÁREA

OUTRO:

15. DURANTE A GRADUAÇÃO, VOCÊ TEVE OPORTUNIDADES DE ESTABELECEER CONEXÕES COM INSTITUIÇÕES OU ATORES DO SETOR RURAL (ONGS, COOPERATIVAS, ÓRGÃOS PÚBLICOS, ETC.).

SIM

POUCAS

NENHUMA

15.1 SE SIM, QUAIS?

16. AS COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS DURANTE A GRADUAÇÃO ATENDERAM ÀS EXIGÊNCIAS DO MERCADO DE TRABALHO NA SUA REGIÃO?

SIM

NÃO

PARCIALMENTE

16.1 SE “NÃO” OU “PARCIALMENTE”, JUSTIFIQUE BREVEMENTE

17. QUAIS CONTEÚDOS OU PRÁTICAS VOCÊ CONSIDERA QUE DEVERIAM TER SIDO MAIS APROFUNDADOS NO CURSO?

18. NA SUA OPINIÃO, QUAIS HABILIDADES OU CONHECIMENTOS DEVERIAM TER SIDO MAIS DESENVOLVIDOS DURANTE A GRADUAÇÃO PARA ATENDER MELHOR ÀS DEMANDAS DO CAMPO AMAZÔNICO?

19. QUAIS SÃO AS COMPETÊNCIAS MAIS EXIGIDAS PELO MERCADO?

20. VOCÊ ENFRENTOU DIFICULDADES PARA CONSEGUIR O PRIMEIRO EMPREGO APÓS A GRADUAÇÃO?

SIM

NÃO

20.1 SE SIM, QUAIS FORAM AS PRINCIPAIS DIFICULDADES?

21. QUANTAS TENTATIVAS VOCÊ FEZ ATÉ CONSEGUIR EMPREGO NA ÁREA?

1-2

3-4

MAIS DE 5

AINDA NÃO CONSEGUI

22. VOCÊ CONSIDERA A POSSIBILIDADE DE EMPREENDER NA SUA ÁREA DE FORMAÇÃO?

SIM

NÃO

JÁ EMPREENDE

23. VOCÊ CONSIDERA QUE A UFPA E A FACDES OFERECEM SUPORTE SUFICIENTE À EMPREGABILIDADE DOS SEUS EGRESSOS?

SIM

PARCIALMENTE

NÃO

NÃO SEI OPINAR

24. SE FOSSE INICIAR UMA NOVA GRADUAÇÃO ESCOLHERIA A UFPA?

SIM

NÃO

24.1 SE SIM, QUAL CURSO ESCOLHERIA?

25. POR QUAL MOTIVO NÃO ESCOLHERIA UFPA?

O CURSO NÃO É OFERECIDO PELA UFPA

ESCOLHERIA UMA UNIVERSIDADE DIFERENTE

O CURSO OFERECIDO NA UFPA TEM QUALIDADE INFERIOR

OUTROS

OUTRO:

26. ESTÁ TRABALHANDO ATUALMENTE?

SIM

NÃO

27. HÁ QUANTO TEMPO TRABALHOU NO EMPREGO MAIS ANTIGO?

01 ANO

DE 01 A 02 ANOS

02 A 05 ANOS

05 ANOS OU MAIS

28. QUAL O REGIME DO SEU TRABALHO?

INTEGRAL

MEIO PERÍODO

NÃO TRABALHO

29. QUANDO INICIOU A PROCURA POR EMPREGO?

AO CONCLUIR O CURSO

03 A 6 MESES DEPOIS DE FORMADO

10 A 11 MESES DEPOIS DE FORMADOS

JÁ TRABALHAVA DURANTE A GRADUAÇÃO

OUTRO:

30. EM QUAL ÁREA PROFISSIONAL VOCÊ TRABALHA?

31. QUAL SEU VINCULO EMPREGATÍCIO?

EMPREGADO (A)

PROFISSIONAL LIBERAL

EMPREGADOR (A)

NÃO TRABALHO

32. POSSUI CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA?

SIM

NÃO

33. VOCÊ SE SENTE PREPARADO PARA O MERCADO DE TRABALHO COM A FORMAÇÃO QUE RECEBEU NA FACDES?

SIM

NÃO

PARCIALMENTE

34. EXPECTATIVA PROFISSIONAL PARA OS PRÓXIMOS ANOS?

MUDAR DE EMPREGO PARA UM MELHOR

ESTAR CURSANDO UMA PÓS-GRADUAÇÃO

OCUPAR POSIÇÃO DE MAIS DESTAQUE NO LOCAL DE TRABALHO

PASSAR A SER EMPREGADOR

NÃO ESTAR TRABALHANDO

OUTRO:

35. VOCÊ ATUA ATUALMENTE COM COMUNIDADES RURAIS OU PROJETOS RELACIONADOS AO DESENVOLVIMENTO RURAL?

SIM

NÃO

JÁ ATUEI, MAS NÃO MAIS

36. VOCÊ ACREDITA QUE AS COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS NO CURSO ESTÃO ALINHADAS ÀS NECESSIDADES DO SETOR RURAL AMAZÔNICO?

SIM

NÃO

PARCIALMENTE

NÃO SEI OPINAR

37. VOCÊ PERCEBE VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL NO MERCADO DE TRABALHO PARA QUEM SE FORMA EM DESENVOLVIMENTO RURAL?

SIM

NÃO

EM ALGUNS SETORES

NUNCA PROCUREI EMPREGO NA ÁREA

38. VOCÊ RECOMENDARIA ESSE CURSO PARA ALGUÉM INTERESSADO EM ATUAR COM DESENVOLVIMENTO RURAL NA AMAZÔNIA? POR QUÊ?

39. SE PUDESSE SUGERIR UMA MUDANÇA NO CURSO DE DESENVOLVIMENTO RURAL, QUAL SERIA?